



Antropologia e Comunicação: Interconexões¹

Jandré Corrêa Batista²

Centro de Educação e Comunicação – Universidade Católica de Pelotas

Resumo

O presente trabalho busca apresentar as considerações iniciais acerca das intersecções entre antropologia e comunicação. Partindo do modelo orquestral de comunicação, visão alternativa aos estudos em comunicação, propõe-se refletir sobre o papel da comunicação à luz da atualidade e a sua relação com a antropologia. Tece-se aqui a respeito da importância do uso da fotografia em trabalhos etnográficos, enaltecendo a proposta de Achutti (1997;2004) no que se refere ao uso da fotografia como instrumento narrativo.

Palavras-chave

Modelos de Comunicação, Antropologia, Antropologia Visual, Comunicação Visual, Fotoetnografia

“Não nos comunicamos, participamos da comunicação”
(Ray Birdwhistell)

1. Introdução

Desde Chomsky é formalmente aceito que o poder de comunicação do ser humano é resultado de ferramentas cognitivas gramaticais inatas. Em oposição à explicação mecanicista de aquisição e uso da linguagem, é amplamente defendido que o conjunto de regras internalizado naturalmente pelos usuários da língua permite ao falante, sem quaisquer instruções explícitas, construir “novos” enunciados a partir de um sistema limitado de regras.

Essa habilidade inerente ao ser humano, de constituir uma comunicação efetiva e original com seus pares, é a base percursora da construção de nossas relações sociais. A cultura é indiscutivelmente o próprio reflexo da comunicação humana. Como bem cita

¹ Trabalho apresentado ao GT – Teorias da Comunicação, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Estudante do 5º semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). jandreceb@gmail.com



Benveniste (1989), língua³ e sociedade não podem ser concebidas separadamente, é pela comunicação que o homem constrói sua relação com o mundo.

Apesar da aceitação dessa premissa por diversas áreas do conhecimento, os estudos em comunicação são em grande parte relegados a uma visão limitada, teleférica, que desconsidera o contexto social em que a comunicação se desenvolve.

O objetivo deste trabalho é apresentar as considerações iniciais para a construção de uma visão alternativa para os estudos em comunicação, partindo de uma “nova” concepção, da relação irrefutável (e complementar) dessa disciplina com a Antropologia.

Comunicação e Antropologia, nos termos de Samain (1998, p.9), “dão-se muito bem e comunicam-se muito mal. (...) se imaginam mais do que se conhecem, narcisam-se mais do que se exploram mutuamente”. Partindo dessa perspectiva, pretende-se propiciar a abertura de um espaço dialógico entre essas duas áreas do conhecimento, que disputam espaço em vez de compartilharem autores e métodos.

Para tanto, conduzindo nosso estudo para a relação mais íntima entre Antropologia e Comunicação: a então chamada Antropologia Visual, que se utiliza como método de discurso suportes comunicacionais visuais para retratar a alteridade, pretende-se estabelecer uma proposta teórico-metodológica para a utilização de fotografias de forma narrativa em pesquisas etnográficas.

1. A nova comunicação

É historicamente notável o embaralhamento semântico envolvendo conceito de comunicação. Dos vasos comunicantes ao cruzamento entre ruas. Tudo comunica. No entanto, o conceito de comunicação que tange às relações humanas, conforme cita Winkin (1998, p.21), está passando exclusivamente para o campo das relações públicas. “As agências de publicidade tornam-se empresas de comunicação. (...) o Ministério da Cultura francês acrescenta ao seu próprio nome ‘e da Comunicação’ (...) certo império de Hollywood transforma-se em Warner Communications” (Winkin, 1998, p. 21).

³ Aqui entendida em sua plenitude comunicacional (verbal e não-verbal)



A partir dessas constatações e com base nos estudos do chamado Colégio Invisível, Winkin (1998) propõe uma “nova” concepção aos estudos em comunicação na ruptura com o modelo matemático de comunicação de Shannon-Weaver.

O modelo de comunicação proposto por Shannon considera a comunicação como uma transmissão de informação entre um emissor e um receptor. Nessa transmissão, uma fonte de informação produziria uma mensagem, que seria codificada por um emissor e enviada por um canal a um receptor, que decodificaria a mensagem ao interlocutor (o “alvo” da comunicação). Em todo esse processo, a mensagem poderia ser perturbada por ruído. Em seguida esse modelo foi aperfeiçoado por Weaver, incluindo a idéia de retroatividade, tornando circular o processo de transmissão.

Esse sistema geral da comunicação demonstra a necessidade da articulação das ciências da comunicação com outras áreas do conhecimento, não só com a antropologia, tema a ser tratado a seguir, mas também com a lingüística. A proposição de Sapir-Whorf⁴ e a concepção interativa da linguagem⁵, entre outras abordagens, seriam fundamentais para o aprofundamento e o entendimento da comunicação humana em sua plenitude.

O Colégio Invisível (também referido como Escola de Palo Alto) consistia em essência a uma crítica à teoria matemática da comunicação proposta por Shannon. Integrado por um grupo de autores⁶ de diversas áreas do conhecimento (Comunicação, Antropologia, Psiquiatria, Lingüística etc.) ligados entre si mais no campo das idéias (nos interstícios das disciplinas) do que fisicamente (daí a invisibilidade dessa escola), o Colégio procurou estabelecer uma visão alternativa aos estudos em comunicação, fugindo da abordagem linear que entendia o ato de comunicação apenas como transmissão de informação para a ascensão de uma “nova” premissa de estudo: o modelo orquestral de comunicação. Esse grupo, liderado por Gregory Bateson, defendia que a comunicação deveria ser entendida a partir de um modelo próprio, das ciências humanas, e não assumindo lógicas matemáticas.

⁴ Edward Sapir sugeriu que a percepção de um observador sobre o mundo (a forma como ele pensa) é influenciada pela linguagem que ele usa. A linguagem predispõe escolhas de interpretações. Assim, haveria uma complexificação ao que se entende por emissão e recepção.

⁵ Em consonância com a perspectiva do Colégio Invisível, a concepção interativa da linguagem vê a comunicação com um processo de interação humana “pela produção de efeito de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico” (Travaglia, 1997, p.23)

⁶ Gregory Bateson, Ray Birdwhistell, Edward Hall, Erving Goffman e posteriormente Don. D. Jackson, Paul Watzlawick e Albert Scheflen



De acordo com Winkin (1998), a “nova comunicação” passa a diferir da “velha comunicação” em vários aspectos. Não há aqui apenas a visão mecânica da comunicação de uma simples troca de mensagens entre um emissor e um receptor. A “nova comunicação” concebe o desempenho e as situações dos atores sociais no âmbito cultural. A prática comunicacional, portanto, deixa de ser um ato individual para ser um sistema social, “uma performance da cultura”. Nesse sentido, “pensar antropológicamente a comunicação humana significa (...) investigar etnograficamente os comportamentos, as situações, os objetos que, numa comunidade dada, são percebidos como valores comunicativos” (Samain, 1998, p.11).

O modelo orquestral de comunicação, em oposição à visão mecanicista, passa a considerar o contexto social que a comunicação se desenvolve. Não apenas em busca da alteridade, do exótico, mas também na descrição de grupos e atos humanos em sincronia na sociedade. A metáfora da orquestra faz alusão à relação de adaptação e pertença dos atores sociais entre si a um conjunto de músicos que desenvolve uma partitura em consonância uns com os outros. Cada músico estará em constante processo de adaptação ao outro. E o resultado (a orquestra) será mérito das relações tácitas entre os músicos, da mesma forma que a cultura é resultado das nossas relações sociais, da vida em sociedade.

Desse modo, o modelo orquestral entende a comunicação como uma manifestação ritual, um fenômeno social, resgatando assim o sentido etimológico do vocábulo: a participação, o pôr em comum, a comunhão.

2. Antropologia *versus* Comunicação?

As práticas comunicacionais, especialmente as jornalísticas, apresentam diversas semelhanças com a Antropologia. À luz da contemporaneidade, conforme cita Silveira (2002), Antropologia e Comunicação não disputam apenas autores (Walter Benjamin, García Canclini, Massimo Canevacci, entre outros), mas também objetos de estudo, olhares e interesses. A cultura contemporânea é indissociável e essencialmente midiática ao ponto de Antropologia e Comunicação “parecerem espaços sobrepostos, linguagens complementares, verso e reverso do mesmo saber” (Silveira, 2002, p.6).

Nesse sentido, é fundamental a contribuição de Eco (1997, p.17): “a cultura, como um todo, deveria ser estudada como um fenômeno de comunicação baseado em



sistemas de significação”. A semiótica se tornaria assim um análogo da antropologia cultural, duas formas do mesmo saber (Winkin, 1998).

Essa indissociação entre Antropologia e Comunicação citada por Silveira (2002) é abordada por Samain (1998, p.9):

Nenhum antropólogo contestará o fato de que a comunicação esteja no âmago de seu ofício. Sem a existência dos meios de comunicação (...) não poderíamos sequer falar de ‘sociedades’, nem de ‘trocas’ (simbólicas ou outras) possíveis entre grupos humanos, menos ainda imaginar sonhar com a emergência das ‘culturas’ humanas. Sem tais suportes comunicacionais (...) não teríamos as condições mínimas para poder ‘pensar o mundo, ‘representá-lo’, tentar ‘descrevê-lo’ e, até, poder esperar ainda nele viver.

No que tange as práticas profissionais do Jornalismo em sua relação com a Antropologia, percebe-se que ambas disciplinas caracterizam-se em essência no mesmo fundamento: são mediações da realidade. Constituem-se, portanto, ao que Geertz (1989) definiu como “ficções” no sentido de serem uma visão construída do mundo, em grande parte filtrada e condicionada inconscientemente. Nessa perspectiva, o uso da fotografia em trabalhos etnográficos reduziria essa “construção” e possibilitaria a descrição do objeto de estudo de forma mais fidedigna. Embora o ato de fotografar remeta necessariamente a uma escolha, desde a seleção do que fotografar ao como fotografar, a representação visual tenderá a ser um retrado fiel de uma realidade, portanto, menos “ficcional”. Assim, Barthes (2001, p.12) conclui: “(...) é bem verdade que a imagem não é o real, mas é, pelo menos, o seu analogon perfeito, e é precisamente esta perfeição analógica que, para o senso comum, define a fotografia”.

Ainda nessa perspectiva, percebe-se portanto que a prática do jornalismo apresenta a visão da realidade construída pelo veículo da mesma forma que o antropólogo faz a tradução da sociedade do outro (Travancas, 2002), ou de sua própria sociedade detalhando as características recorrentes e singulares de diferentes grupos sociais. Essa característica da Antropologia, conforme aponta Travancas (2002, p.3), constitui-se em essência e correspondência às práticas jornalísticas. Para a autora, o jornalista vivencia

em seu cotidiano a cidade como espaço da diversidade, do cruzamento de mundos e ‘tribos’ diferentes, desvendando territórios heterogêneos (...), para muitos habitantes desconhecido.(...)Entrando em contato com diferentes realidades e diferentes pessoas a cada dia, ele realiza o papel de mediador entre o leitor e o mundo. (...) A antropologia e o jornalismo produzem discursos em



condições particulares e estas não são nem cultural nem socialmente neutras.(Travancas 2002, p.3)

Em relação às distinções profissionais, abordando a questão meramente técnica do jornalismo com a Antropologia, percebe-se os diferentes graus de objetividade e subjetividade dessas práticas. Segundo Strozenberg (2003, p.18), a

Antropologia vem colocando em cheque a sua própria identidade e questionando a legitimidade do conhecimento que produz: seu projeto original está em vias de desaparecimento; o trabalho de campo já não lhe é exclusivo; suas teorias não passam nos testes de rigor e são carregadas de subjetividade.

Enquanto se tece uma crítica no que se refere à subjetividade da Antropologia, faz-se o mesmo com relação à objetividade e superficialidade do jornalismo. Mesmo que a objetividade, aliada a clareza e a concisão, era entendida como fundamental em uma notícia (Travancas, 2002), o jornalismo, a partir do advento das novas tecnologias de informação e comunicação, tem procurado se reinventar, e fugir assim da busca exclusiva pelo factual.

Entende-se, portanto, que o diálogo entre Comunicação e Antropologia não só é possível, é necessário. Nesse sentido, endossa-se aqui a fala de Travancas (2002, p.11):

Talvez o caminho seja enfrentar o cruzamento destas fronteiras. O jornalismo poderá sair mais enriquecido e consistente se for capaz de incorporar com rigor a idéia de subjetividade, não como uma ameaça, mas como um elemento importante que dará ao leitor uma visão mais complexa da realidade. E a antropologia poderá descobrir que o jornalismo é muito mais do que uma técnica de redação, (...) sem que isso ameace o seu território ou seu lugar como ciência.

Partindo desses pressupostos, da inerência dos estudos em comunicação no âmbito social e da similitude das atuais práticas comunicacionais em relação à antropologia, propõe-se aqui a legitimação ao repertório da comunicação o que Samain (1998, p.10) chamou de “uma leitura comunicacional do mundo social”.

3. O visual em um duplo vínculo

Balinese Character: a photographic analysis (1942), obra icônica de autoria de Gregory Bateson e Margareth Mead, foi o primeiro trabalho, de caráter descritivo ainda sem igual, a explorar o potencial narrativo da fotografia em um trabalho etnográfico e a entender “a fotografia como forma narrativa indispensável” em Antropologia (Achutti, 2004, p.104).



A obra, a retratar o *ethos* da Ilha de Bali (Indonésia), configura-se em 100 pranchas temáticas fotográficas que descrevem os processos singulares de incorporação social submetidos às crianças a fim de serem reconhecidas como membros e legitimadas pela sociedade.

Segundo definição de Samain (2004), há basicamente dois modelos de disposição das fotografias em “Balinese Character”: o modelo seqüencial e o modelo estrutural. Essas duas concepções de uso da narrativa fotográfica diferem-se no seguinte sentido: enquanto o modelo seqüencial retrata um acontecimentos de forma linear, o modelo estrutural liga imagens aparentemente sem uma seqüência lógica a um determinado sentido comum.

Apesar de Balinese Character datar do final da primeira metade do século passado, a abordagem visual em Antropologia ainda é muito recente. Conforme cita Achutti (2004), há uma canonização do texto etnográfico como linguagem única para retratar a alteridade. Quando utilizadas, as imagens são dispostas de maneira redundante ao texto, como meras ilustrações. O texto ao invés de complementar o que é dito pela imagem, passa apenas a reiterar de forma unicamente repetitiva a informação já transmitida pela fotografia.

Canevacci (2001, p.65-66), a respeito do trabalho de Bateson e Mead, afirma que “é possível sustentar, de fato, que com esse texto (Balinese Character) firma-se a passagem da antropologia visual, em sentido técnico, à antropologia da comunicação em sentido metodológico.”

Achutti (2004), árduo defensor da utilização da fotografia de forma narrativa em antropologia, argumenta que a cultura da imagem (referindo-se a consagração do visual como linguagem cotidiana, a partir das novas percepções sensoriais de tempo e espaço propiciadas pelas novas tecnologias), deve ser entendida também a partir de imagens, e que a antropologia, ciência em constante mutação, teria de estar nesse sentido alinhada às novas dinâmicas sociais das populações. Para Achutti (2004), a conseqüência direta da proposta de incorporação do visual à antropologia consistiria na maior difusão do trabalho etnográfico em função do caráter universal inerente à linguagem fotográfica.

Um trabalho etnográfico nesse sentido, cunhado por esse autor de Fotoetnografia, configura-se em uma série de fotografias dispostas de forma narrativa. Achutti (2004) defende que a fotografia enquanto discurso deve ser entendida em sua



forma homogênea, e que qualquer outro tipo de linguagem que possa a vir a dividir espaço (e a isso inclui-se as legendas) tenderá a esvaecer o potencial de absorção propiciado pela narrativa.

No entanto, nessa proposta metodológica não é objetivo extinguir o papel do tradicional texto etnográfico. Para Achutti (2004), uma narrativa textual que contextualize o assunto abordado pelas fotografias poderá vir a ser construída, desde que seja constituída isoladamente.

A partir da perspectiva metodológica inaugurada por Bateson e Mead (1942), e recentemente desenvolvida de forma semelhante em uma abordagem discursiva na utilização de narrativas fotográficas como instrumento de descrição etnográfica por Achutti (2004, 1997), coloca-nos sob um novo prisma em relação ao papel dos estudos em comunicação.

A comunicação por sua natureza é antropológica. Em detalhamento a esse axioma em relação à fotografia, Samain afirma (1993, p.6 apud Achutti, 2004, p.83):

Não existem fotografias que não sejam portadoras de um conteúdo humano e, conseqüentemente, que não sejam antropológicas à sua maneira. Toda fotografia é um olhar sobre o mundo, levado pela intencionalidade de uma pessoa, que destina sua mensagem visível a um outro olhar, procurando dar significação a este mundo

Nesta proposta, apropriando-nos da obra de McLuhan (1979), a comunicação visual passa a ser entendida não como uma mera representação da realidade, mas como uma extensão desta. “O meio é mensagem (McLuhan, 1979, p.21)”. A fotografia enquanto instrumento narrativo constituir-se-á de uma extensão do olhar. “É fato que o homem conhece mundo agindo sobre ele e para tal ação, ele cria extensões de seus sentidos, aumentando seu conhecimento no tempo e no espaço” (Ferreira, 2002 p. 8).

A comunicação visual, especificamente a fotografia, passa então a constituir a essência dos trabalhos em Antropologia Visual. Assim, partindo-nos da “nova” concepção de comunicação explicitada por Winkin (1998), propõe-se aqui uma abordagem visual às pesquisas etnográficas e a incorporação ao repertório dos estudos de comunicação a proposta teórico-metodológica do uso da Fotoetnografia, algo essencialmente comunicacional aos estudos da comunicação humana.

Dessa específica intersecção entre Antropologia e Comunicação, refere-se a fala de Achutti (2004):

Um bom trabalho de documentação fotográfica contém em si características do bom fotojornalismo, no que tange à agilidade e domínio da técnica visando à comunicação visual. Um trabalho de documentação fotográfica pressupõe o conhecimento do universo a ser investigado e demanda o respeito pelas determinantes culturais do ‘outro’ para viabilizar um trabalho de antropologia visual com a utilização da fotografia, é necessário que o antropólogo domine a especificidade da linguagem fotográfica e que o fotógrafo tenha substrato do olhar do antropólogo, com suas interrogações e formas específicas de olhar o outro (Achutti, 1997, p.37).

4. Por uma nova forma de contar

A arte de descrever o homem em suas relações sociais, abstraindo-se o conceito⁷ imoral de “etnografia” do século XIX, iniciou com Bronislaw Malinowski na segunda década do século XX. Suas principais contribuições, o que constitui uma revolução ao que até então se entendia por etnografia, remetiam ao entendimento da vida do outro na tentativa, por meio muitas vezes de uma observação participante, de compreender o mundo a partir do ponto de vista daquele que se intenta estudar. A partir de Malinowski, o procedimento etnográfico passou então a ser entendido como um “estar junto” à cultura do pesquisado.

Essa absorção à cultura local reverenciada e inaugurada por Malinowski é claramente observada em “Argonautas do Pacífico Ocidental”: “Imagine-se o leitor rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista”. (Malinowski, 1976 p. 23).

Malinowski, reverenciado como o pai da antropologia, utilizava-se em seu trabalho de campo não só a descrição textual, o que se tornou clássico em antropologia, mas também, apesar de suas limitações⁸ e aversão ao uso, o auxílio da fotografia. Embora a relação desse autor com a fotografia não seja íntima, conforme consta em Samain (1995), em Argonautas do Pacífico Ocidental (Malinowski, 1976) um conjunto

⁷ Etnografia no século XIX era entendida como uma contemplação ao exótico. O procedimento etnográfico consistia em enviar questionários a viajantes e coletar objetos da cultura local que se julgasse atrativos pela suas características/funções singulares. A partir de Malinowski, os atores sociais das culturas em estudo deixaram de ser observados “como graciosos animais exóticos, mas, sim, como pessoas dignas de respeito, cuja vida social se deve tentar reconstituir” (Winkin, 1998, p.130).

⁸ A título de exemplificação Achutti (2004, p.105) faz referência à limitação de Malinowski no uso da fotografia em citação a Young (1998): “Sua insatisfação com relação aos resultados que obtinha se devia tanto às características técnicas limitadas das câmeras e dos filmes de sua época como às suas próprias limitações, e fica justificada quando se sabe que ele (Malinowski) errou o foco de quase metade das mil e cem fotografias arquivadas no London School of Economics.”



considerável de pranchas fotográficas foi utilizado em transposição à barreira da mera ilustração e em recorrência à imagem como fragmentação da realidade.

Percebe-se, portanto, no nascimento da antropologia, apesar da aversão ao uso da imagem (resistência reproduzida consideravelmente até hoje em trabalhos etnográficos), o caráter fundamental da fotografia em representar a sociedade do outro em substituição a narrativas prolixas que jamais superariam o potencial descritivo da fotografia.

Winkin (1998), a partir do modelo orquestral de comunicação, propõe uma metodologia específica para a “saída de campo”. A proposta consiste na escolha de um lugar público em que se possa observar a comunicação em ação, não necessariamente participante, a fim de constatar a ocorrência de *patterns*⁹. O registro dessa observação recorrente deverá ser traduzido exclusivamente¹⁰ para diários escritos, os quais deverão funcionar como um elemento de catarse ao observador. Esse procedimento etnográfico, segundo o próprio autor, é um trabalho que se exige “que se saiba retraduzir para um público terceiro (...) e portanto que se *saiba escrever*¹¹” (Winkin, 1998, p.132)

Como se pode perceber, embora Winkin (1998) proponha uma visão ampliada e ao mesmo tempo inerente aos estudos em comunicação, não há também uma visão redimensionada com relação à antropologia, especificamente no que tange ao registro etnográfico. A proposta metodológica desse autor é basicamente a transposição do que se entende por antropologia tradicional ao campo dos estudos em comunicação, na concepção do clássico texto etnográfico como único elemento capaz de fazer a mediação de uma cultura a outra.

O que se propõe aqui, portanto, é uma nova forma do “saber escrever” referido por Winkin (1998, p.132); o “saber escrever” com a luz: a utilização de narrativas fotográficas em uma perspectiva discursiva. Nesse sentido, Achutti (2004, p.94) afirma:

O que confere uma tal supremacia do texto e à palavra são, evidentemente, as práticas acadêmicas de sempre cuja pertinência científica jamais é posta em questão, mas também a falta de domínio de outras técnicas. Nesse caso, não se trata de buscar uma alternativa ao texto escrito, nem de provocar um ‘duelo’ entre texto e imagem, mas de salientar o fato de que, mesmo que o texto seja fundamental, sua associação a outras formas de linguagem não pode senão enriquecer os enunciados antropológicos.

⁹ Recorrências comportamentais

¹⁰ Winkin (1998) critica o uso de câmaras fotográficas e gravadores nesse sentido

¹¹ Grifos do autor



Em relação à relevância do uso da fotografia em trabalhos antropológicos como elemento possibilitador de uma observação crítica, torna-se fundamental a contribuição de Collier Jr. (1973):

Indiscutivelmente, a cegueira pessoal que obscurece nossa visão individual está relacionada com o isolamento que é possível em nossa sociedade urbana e mecanicista. Aprendemos a ver apenas o que praticamente precisamos ver. Atravessamos nossos dias com viseiras, observando somente uma fração do que nos rodeia. E quando observamos criticamente, é quase sempre com o auxílio de alguma tecnologia. (Collier Jr, 1973, p.3)

Se formos analisar a fala de Collier Jr (1973) à luz da contemporaneidade, perceber-se-á a fundamental importância do uso de novos suportes comunicacionais no registro etnográfico. Em uma sociedade pós-moderna que contempla o efêmero, a análise antropológica das culturas dependerá essencialmente do visual para se reinventar e assim não esvaecer.

5. Considerações Finais

A partir dessas considerações, buscou-se aqui propor um novo olhar sobre a comunicação. Objetivou-se enaltecer a visão de que comunicar não é só técnica, é todo um complexo socialmente construído – até mesmo biológico – que nos envolve integralmente desde os nossos primeiros momentos.

Relação íntima entre comunicação e antropologia, a utilização de fotografias em trabalhos etnográficos torna-se essencial para descrever a vida em sociedade. Essa proposta metodológica deve ser pensada não só como uma alternativa ao texto, mas como uma forma de congregar efetivamente a Comunicação à Antropologia.

Assim, a articulação da Comunicação com outras ciências, principalmente a Antropologia, não só é possível como necessária. À luz da atualidade, essas duas disciplinas devem repensar as suas fronteiras em um sentido comum.

6. Referências bibliográficas

ALVES, André. **Os Argonautas do Mangue**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia, Um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Livraria Palmarinca/Tomo Editorial, 1997.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Tomo Editorial/UFRGS Editora, 2004.



ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Ensaio sobre o fotográfico**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. **Balinese Character. A Photographic Analysis**. USA: The New Academy of Sciences, 1962.

BATISTA, Jandré. **Um relato fotoetnográfico com vistas ao desenvolvimento sustentável e étnico da sociedade ilhéu documentada. O caso dos produtos hortifrutigranjeiros produzidos na Ilha dos Marinheiros**. Relatório final de pesquisa. Pelotas: UCPel, 2007.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. São Paulo: Cia Editora Nacional/EDUSP, 1989.

BORELLI, Viviane. **“É impossível não comunicar”**: reflexões sobre os fundamentos de uma nova comunicação. In: Revista Diálogos Possíveis. Salvador: FSBA, 2007.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da Comunicação Visual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CHOMSKY, Noam. **Lingüística Cartesiana**. Petrópolis: Vozes, 1972.

COLLIER JR, John. **Antropologia Visual: A Fotografia como Método de Pesquisa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

ECO, Umberto. **Tratado Geral de Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

FERREIRA, Giovandro. **Paradigmas do Campo Comunicacional relacionados com a Antropologia**. Salvador: Anais do XXV Congresso de Ciências da Comunicação, 2002

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. Coleção "Os Pensadores", Abril Cultural, São Paulo, 1978.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.

SAMAIN, Etienne. **“Ver” e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia**. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, nº2, p. 19-49.

SAMAIN, Etienne. **Balinese character (re)visitado**. In: Alves, André. Os Argonautas do Manguê. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

SAMAIN, Etienne (org). **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SILVEIRA, Fabrício. **O olhar etnográfico de Walter Benjamin**. Salvador: Anais do XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2002.

STROZENBERG, Ilana. **Antropologia e Comunicação: que conversa é essa?**. In: TRAVANCAS, Isabel e FARIAS, Patrícia (orgs.). Antropologia e comunicação. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.



TRAVANCAS, Isabel. **Jornalistas e Antropólogos – Semelhanças e Distinções da Prática Profissional**. Salvador: Anais do XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz. **Gramática e Interação**. São Paulo: Cortez, 1997.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. SAMAIN, Etienne. Organização e apresentação. Campinas: Papyrus, 1998.